

MESTRADO ONLINE. EDMÉA SANTOS (UFRRJ) E ANA-PAULA CORREIA (THE OHIO STATE UNIVERSITY) CONVERSARAM E TROCAM EXPERIÊNCIAS SOBRE ENSINO E APRENDIZAGENS ONLINE

Edméa Santos

Ana-Paula Correia



Edméa Santos é professora titular-livre da Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro. Líder do GPD OC - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. Atua no PPGEDUC da UFRRJ e colabora no Proped/UERJ, onde foi professora permanente até o ano de 2019-1. Membro do Observatório FORMACCE/FACED-UFBA. Membro do Laboratório de Imagem da UERJ. Membro do Comitê Científico Diretor da ABCIBER. Atualmente é editora-gerente da revista *Arte de Educar*, pela UFRRJ e editora-chefe da revista *Docência e Cibercultura* (UERJ, UFRRJ, UNIRIO).

Ana-Paula Correia is a professor of Learning Technologies in the Department of Educational Studies at The Ohio State University. She is also the Director of the Center on Education and Training for Employment. Correia has more than 25 years of experience in learning design and instructional systems technology. Specifically, her expertise in distance education, online and mobile learning, collaborative learning and entrepreneurial educational approaches. She has been involved with research projects funded by Bill & Melinda Gates Foundation, National Science Foundation, U.S. Department of Agriculture, Pappajohn Higher Education Center/Kauffman Foundation and U.S. Department of Education.

Edméa Santos: Ana-Paula Correia, é um prazer conversar com você mais uma vez. Durante a pandemia da covid-19 os programas de pós-graduação no Brasil estiveram online, adotando totalmente ou quase o modelo remoto. Você tem longa experiência em educação online na pós-graduação e é sobre essa experiência que vamos conversar um pouco mais. Na verdade, vamos continuar a nossa conversa. Como começou a sua história com o Online Master of Learning Technologies?

Ana-Paula Correia: Quando comecei a trabalhar na Ohio State University, após onze anos na Iowa State University, fui convidada a integrar o Online Master of Learning Technologies. Nessa altura juntei-me a um grupo de docentes extremamente diferente a servir uma audiência de alunos mais diversificada. Não era só para professores de sala de aula; além disso a estrutura técnica da universidade era bem robusta. Nesse momento, comecei a fazer a investigação nas minhas próprias aulas online.

Edméa Santos: Esse mestrado é na faculdade de educação, no College of Education and Human Ecology, e recebe profissionais que não são necessariamente professores ou fizeram educação, certo?

Ana-Paula Correia: Sim. Alguns não fizeram educação, mas estão prontos para mudar de carreira. Eu tenho uma aluna que tem um doutoramento em inglês, que não consegue desenvolver uma carreira satisfatória com o doutoramento em inglês, então ela foi fazer esse mestrado, que é mais aplicado e tem mais saídas de emprego.

Edméa Santos: No Brasil, a gente percebe também muitos profissionais com formação completa que descobrem o online, a EAD, e resolvem fazer MBA, mestrados profissionais, ou até mestrado e doutorado. E em Portugal também, no MPeL/UAB-PT, onde fiz meu primeiro pós-doc em 2013, ano em que nos conhecemos. Inclusive eu tinha um aluno de 70 anos, um dos mais famosos cardiologistas de Portugal, que foi professor na Universidade de Lisboa, médico clínico, ele fez o MPeL exatamente para desenvolver uma interface online para

dialogar com seus pacientes. Inclusive eu fiz com ele uma tutoria presencial lá no Palácio Ceia, e eu o ajudei a produzir um roteiro para um vídeo que ele queria fazer. Foi muito interessante ver como as pessoas descobrem o online para mudança de suas carreiras.

Ana-Paula Correia: Ou para fazer coisas que sempre quiseram fazer, mas que nunca souberam como. O meu objetivo neste momento é fazer a experiência de aprendizagem online mais rica que a presencial. Toda a minha energia como investigadora tem estado concentrada em atingir este objetivo.

Edméa Santos: Esse é o problema que você quer investigar para desenvolver uma solução?

Ana-Paula Correia: Sim, é o meu problema. Essa experiência de aprendizagem tem de ser tão transformadora ou mais do que se você viesse ao campus assistir aula. Porque a tecnologia que você tem nos teus dedos, nas mãos, permite fazer isso. Por que a gente não puxa a tecnologia ao limite até ela partir? Experimentar coisa diferentes com a tecnologia. Neste momento eu estou inserindo algumas atividades nas minhas aulas online que requerem a resolução de problemas reais que os meus alunos online encontrar nas comunidades onde vivem.

Edméa Santos: As suas aulas são seu campo de pesquisa.

Ana-Paula Correia: Sim, claro. A estratégia agora é outra vez fazer desenho didático com clientes reais, com os alunos espalhados pelo país inteiro a completar o mestrado online. Nós, neste momento, não temos alunos internacionais inscritos no mestrado.

Ana-Paula Correia: Tecnologia é usada para iniciar, sustentar e fortalecer a relação, não só entre mim e os alunos, e entre os alunos da minha aula, mas também a relação profissional dos alunos com os clientes. E depois, se o cliente gostar do trabalho, fica com as portas abertas para estágios e empregos. Estas experiências já existem em aulas residenciais, presenciais. Quando o professor traz, como aconteceu quando eu andava a estudar na Indiana University,

potenciais empregadores para a aula presencial que oferecem aos alunos oportunidades para testar, digamos, os seus talentos através de miniprojetos, que depois, para mim, abriam portas enormes, mas o aluno online não tem nada disso. Quando é que os alunos online têm a oportunidade de fazer um estágio virtual? Ninguém sequer sabe que pode fazer um estágio à distância. Então eu também iniciei um programa de estágio virtual.

Edméa Santos: Esse estágio virtual está dentro do mestrado? Essa discussão do estágio online é bem interessante. Eu lembrei agora, tem uma experiência na graduação, na Universidade Federal de São Carlos, que fica no interior de São Paulo. O curso de Pedagogia a distância é totalmente a distância e forma professores que vão atuar nas escolas físicas. Conheci esta experiência em um congresso no Brasil.

Só para concluir. E aí essa universidade vai às escolas, conversa com os professores das classes, faz com eles uma ambientação online, para eles perceberem como os estagiários se formam, como pensam e como eles estudam, para o professor da escola entender como funciona e esperar esse aluno que vai se formar em campo com ele, que é o professor da sala de aula, o regente. Então é uma experiência interessante.

Ana-Paula Correia: Eu estou fazendo o contrário. Trago os potenciais empregadores para a minha aula. Para responder a tua questão inicial, o estágio virtual faz parte do mestrado online, mas é uma disciplina opcional.

Edméa Santos: Você vai levar o aluno? Como que vai ser?

Ana-Paula Correia: Potenciais empregadores contatam o programa e propõem miniprojetos de formação. Nós definimos um pequeno projeto que não dura mais que oito semanas para o aluno online completar durante um semestre letivo. Quando o aluno se inscreve na disciplina os miniprojetos que fazem parte do estágio virtual já estão prontos para serem executados. Os alunos têm que pagar a inscrição nesta disciplina de estágio virtual para puderem usufruir desta oportunidade. O aluno faz o trabalho e entrega ao cliente. Tudo é feito com tecnologia, mas eles podem se encontrar face a face também, mas essa não é

a expectativa. Geralmente o aluno interessado é o que vem de uma profissão diferente de educação e quer ter um portfólio rico, então procura experiências adicionais no campo da formação e educação.

Edméa Santos: É uma experiência formativa que é pesquisa, que vai gerar resultado e que vai ser avaliado, tudo isso.

Ana-Paula Correia: E depois o aluno entrega o documento para o cliente e eu avalio e lanço a nota.

Edméa Santos: Mais uma vez, Ana Paula, eu encontro muita identidade no nosso trabalho, principalmente na questão teórica, prática, focada no online, na formação e tudo o mais; ao mesmo tempo, refletindo diferenças, vejo como a gente no Brasil precisa avançar em algumas questões e em como a luta é grande no que toca à relação trabalho-educação. Inclusive, no Brasil, a gente usa um guarda-chuva maior chamado “mundo do trabalho”, dentro do qual tem o “mercado”, e a gente não pode ter problema em falar de mercado. Porque aqui falar de mercado é palavrão, é feio, as pessoas evitam falar de mercado, mas a gente precisa entender que o mercado tá dentro do mercado de trabalho, e aí o que acontece com as universidades, muitas vezes para se preservar, mas muitas vezes também por uma questão de não se permitir fazer, porque, por exemplo, as prefeituras, as secretarias de educação do estado, universidades corporativas, muitas vezes contratam empresas privadas para fazer o que a universidade podia fazer, gerando recursos para a própria pesquisa, para os grupos e para os alunos. Nosso aluno, hoje, ainda não paga a universidade, eu espero que a gente continue mantendo a nossa universidade pública, laica, gratuita e de qualidade. Essa é a nossa luta cotidiana. Por outro lado, eu acho que é preciso se preocupar em formar para o mundo do trabalho. A gente tem, por exemplo, um curso de Pedagogia muito focado na escola, enquanto onde tem gente ensinando e aprendendo, tem trabalho para todo mundo. E aí as fundações, sobre as quais muitas vezes as universidades têm pânico em falar, porque fazem muitas vezes uma educação aligeirada, sem

pesquisa, acabam ocupando esse espaço também porque as universidades não estão lá.

Ana-Paula Correia: Eu estou muito interessada nessa dimensão empresarial no ensino superior, em particular na tecnologia educativa. Não acredito que seja uma dimensão que tu possas aplicar em qualquer área ou em qualquer disciplina, mas, quando a gente ensina num campo aplicado como o desenho didático, é nossa obrigação explorar essa vertente. É só uma troca de *expertise*.

Edméa Santos: Uma troca de experiências num processo de formação.

Ana-Paula Correia: O cliente sabe que meus alunos estão sendo formados, estão em treino, estão aprendendo e não podem exigir deles como se fossem profissionais, e, para além disso, não está pagando nada. Se o cliente vem com muita facilidade é porque ele sabe que eu estou supervisionando, os alunos são bons e vão fazer um bom trabalho, zero dólares. Eu protejo sempre os alunos, no sentido de que se eles cometerem um erro não faça mal pode ser sempre remediado. Tenho também bastante atenção para eles não serem explorados pelo cliente.

Edméa Santos: O lugar de errar é aqui.

Ana-Paula Correia: O lugar de errar é aqui e eu estou aqui para ajudar. No final do semestre letivo eu sempre peço aos clientes uma carta de reconhecimento do trabalho executado pelos alunos. A empresa sabe que tem alunos talentosos aqui e, quando for oferecer vagas, sabe que tem esses jovens sendo preparados para assumir responsabilidades profissionais na área da tecnologia educativa.

Edméa Santos: É preciso saber que espaço é esse e se eu quero continuar investindo a minha carreira nisso.

Ana-Paula Correia: Apesar de já ter feito trabalho pago, o que a gente pede tem de ser mais baixo do que as companhias no mercado, pois a universidade não deve competir com elas.

Edméa Santos: Sim, porque são funções diferentes, a universidade tem o objetivo de formar as pessoas. E essa iniciativa também tem como colaborar com essa economia circulante, essa economia criativa, como a gente chama no Brasil.

Ana-Paula Correia: A gente também fazia isso para clientes que não tinham capacidade de pagar ou de contratar as empresas para um serviço profissional nessa área. É trabalho social.

Edméa Santos: ONGs, movimentos sociais...

Ana-Paula Correia: Sim, quem não tem capacidade de pagar 150 dólares à hora...

Edméa Santos: Sim, e que o cliente pode ser com muitas aspas, da economia criativa, um movimento social, uma escola, uma universidade corporativa, um escritório...

Ana-Paula Correia: Empreendedorismo social.

Edméa Santos: Sim. Uma instituição social.

Ana-Paula Correia: Uma escola.

Edméa Santos: É muito bom marcar o papel da universidade como formadora.

Ana-Paula Correia: Não dá para tapar os olhos e fingir que nada está acontecendo à nossa volta e com a sociedade.

Edméa Santos: Em nossa pesquisa, por exemplo, a gente lança mão da noção de “dispositivo” com base em Jacques Ardoino, que diz que dispositivo é qualquer meio material e ou intelectual, então tecnologia pode ser também modo de uso, modos de fazer, modos de pensar.

Ana-Paula Correia: A ideia é que “tecnologia” é também o planejamento, o design e os processos intelectuais, como, por exemplo, utilizar os *media* para facilitar aprendizagem, com processos intelectuais, ajudar as equipes a serem mais produtivas. Eu estou mais voltada para esta noção de “tecnologia” do que

“tecnologia” como produtos físicos, ou equipamento. Quando eu ofereço essa definição de tecnologia aos meus alunos, eles ficam muito surpresos, porque eles pensam que tecnologia é uma coisa física. Então, a partir daí eles pensam: “Então uma avaliação, se ajudar a evoluir um processo intelectual, pode ser considerada tecnologia educativa.”

Edméa Santos: Poderíamos sistematizar como usos, processos e produtos, processos/produtos...

Ana-Paula Correia: Sim. E o processo é muito importante. Porque se os produtos não forem adotados pelas pessoas que tu queres que usem, por exemplo, as aplicações não têm sucesso no mercado, porque as pessoas que os desenharam não levaram em conta os processos e a usabilidade do produto, o que as pessoas vão fazer com os produtos. Não pensam nas necessidades do *target grupo*, no grupo que tu focalizas como o grupo para quem tu desenhavas, que vai ser o mercado para os teus produtos, e eles não incluíram no desenho as visões e as vivências de quem vai utilizar esses produtos, por isso para esse grupo esses produtos não vão ser apelativos e ninguém vai usar ou comprar. Quando se desenha uma aplicação para a sala de aulas, e os alunos não a usa, é porque as pessoas que desenharam a aplicação não tinham as preferências das crianças em mente, não tiveram as vivências, não tiveram os gostos delas, então os alunos fazem porque são obrigados pelo professor e acham a aplicação “chata”. Por exemplo, um jogo educacional, muitas vezes consiste apenas em prática e recepção, e não atende as preferências e peculiaridades dos alunos. Estes, acabam por jogar o jogo porque não querem desapontar o professor.

Edméa Santos: Então, Ana Paula, agora que a gente já tem essa visão mais panorâmica desse conceito de *learning technologies*, o que levou o College of Education and Human Ecology da Ohio State a criar um mestrado online para formar pesquisadores e profissionais nessa especialidade?

Ana-Paula Correia: Quando eu comecei a trabalhar na Ohio State o programa online em *learning technologies* (<https://online.osu.edu/program/mlt>) já estava criado no papel, mas tinha de ser implementado e eu participei dessa

implementação desde o primeiro dia. Por isso, eu não sei a história com precisão que esteve por detrás da criação deste mestrado online. O meu colega Rick Voithofer, foi o criador inicial deste programa; e apesar de eu ter falado bastante com ele, não presenciei toda essa história. Mas eu penso que a motivação, baseada na minha experiência e naquilo que vi na experiência de Iowa também, é que esses estados, no meio dos Estados Unidos, são grandes e muitos profissionais não podem vir até à universidade de um outro estado, deixar o emprego deles para participar num mestrado presencial na Ohio State. As famílias deles não teriam como sobreviver, porque aqui os alunos de mestrado não têm uma assistência financeira, só os alunos de doutoramento. Então o pensamento da instituição foi oferecer uma experiência de aprendizagem de qualidade para qualquer pessoa no estado de Ohio ou fora do estado. Porque a Ohio State é uma universidade estadual e tem a obrigação de ajudar o estado, o que chamam de *land grant university*. Uma *land grant university* é uma universidade que foi criada com o intuito de ajudar o estado a progredir, não só o estado, mas fora do estado. Por isso criamos um mestrado online para contribuir com o melhoramento da educação para as pessoas que vivem nos Estados Unidos, in particular no estado de Ohio, proporcionando um curso avançado de estudos. Eu penso que foi essa a motivação.

Edméa Santos: Como já havíamos conversado antes, o estado de Ohio fica no centro do país, é um estado grande, né? Nem todas as pessoas podem vir até Columbus, que é a sua capital, e aí eu te pergunto: Há pessoas de outros estados também fazendo esse mestrado?

Ana-Paula Correia: Sim. A gente começou em 2016 e em cada ano recebemos uma turma. No início é... a tendência é que as pessoas do estado se interessem mais, mas agora as coisas estão aumentando, embora ainda não estejamos preparados para a internacionalização, porque isso exigiria muito de nós e somos um grupo pequeno de professores a apoiar o programa. Um dos meus colegas está agora estudando a possibilidade de aceitar um grupo de alunos de uma companhia de seguros enorme, mas se a gente começa a contratar muitos

professores... é sempre aquele meio-termo entre a qualidade e a expansão. Nós estamos agora no meio desse dilema.

Edméa Santos: Bem, Ana Paula, eu observei, olhando a matriz curricular do curso presencial de um campo que, no Brasil, é um campo por nós bastante conhecido e cada vez mais valorizado. De que forma o campo da aprendizagem mediada por computador ou suportada por computador – no Brasil a gente prefere falar mediada por computador –, pode potencializar a aprendizagem colaborativa em mestrados online, já que a gente sabe que a grande diferença do online em relação a outras tecnologias massivas é exatamente a possibilidade de termos colaboração. Então de que forma esse campo colabora com o seu mestrado online?

Ana-Paula Correia: Eu penso que a melhor maneira de responder essa questão é pensar como é que a aprendizagem colaborativa é potenciada nas minhas aulas, porque assim eu passo a falar de coisas que eu sei. É que, apesar de estar bastante familiarizada com o que os meus colegas fazem nas aulas deles, eu posso falar mais da minha. Eu vejo que meus alunos online são mais aplicados que meus alunos de sala de aula porque eles precisam do diploma e a necessidade é mãe da invenção. Eles não se encontram de forma física, cara a cara, então eles têm a necessidade de se comunicar mais. Existem tantas interfaces da comunicação grátis, apoiadas pela universidade, para comunicarem, para partilharem ideias e para partilharem rascunhos do projeto, e eles usam estes sistemas. Também usam estratégias de gestão de projetos para terem sucesso e alguns até usam software dos tantos que há por aí grátis. No entanto, na minha aula eu uso o Canvas, o ambiente virtual de aprendizagem oferecido pela universidade. Mas como qualquer outro sistema digital de aprendizagem, o Canvas é limitado em termos de apoio à aprendizagem, pois foi criado com a ideia de que o professor é o centro do processo de ensino e aprendizagem. Mas isso não nos impede de colaborar e potencializar o Canvas na aprendizagem colaborativa, e ao mesmo tempo ele encorajar os alunos a procurar outras interfaces e software livre. O ambiente virtual de aprendizagem, Canvas, é a nave-mãe, pensa assim, nós temos de ter uma noção

do universo, temos de ter uma nave espacial, que é a nave-mãe e é onde a gente se encontra, quando tem problema vai, aonde tem a experiência de aprendizagem organizada... Mas eu encorajo os meus alunos a explorar outros sistemas, fora da nave-mãe, e eles vão e exploram outras ferramentas de interface que eu nem sequer tinha ouvido falar, mas participo, porque a única regra que a gente tem é que eu vá com ele a esses sítios.

Edméa Santos: Você tocou numa questão muito importante, eu acho que por isso é importante termos poucos alunos e de estarmos realmente focadas nessa mediação online. Quando você fala que os ambientes virtuais são centrados nos professores, a gente sabe que nós temos as senhas, as senhas que permitem que nós criemos o desenho didático. E eu percebo o seguinte no Brasil, esses ambientes dispõem de interfaces colaborativas, como os fóruns, as salas de bate papo...

Ana-Paula Correia: Mas o aluno não pode gerar um fórum no nome dele, eu tive de fazer uma mudança no código para eles poderem, porque eu não queria começar o fórum, queria que eles comessem, que eles vissem a foto deles lá; ele era o líder do fórum naquela semana, e precisava de ter capacidade de ir ao ambiente e criar o fórum, certo? Eu, como a professora não queria ser sempre o “centro das atenções” e o sistema devia permitir isso, certo?

Edméa Santos: Os alunos poderiam todos ter senha de professores, pode ser uma estratégia, e sobre isso nós temos o controle, podemos fazer com que os alunos tenham senhas de professores, para que eles editem no ambiente virtual de aprendizagem. Mas uma das coisas que me incomodam no discurso dos colegas professores é que muitas vezes eles falam mal dos ambientes virtuais, nós sabemos que eles são mais estruturados, que diante das redes sociais para alguns casos eles já não são tão bem usados, mas nós estamos falando de um curso de mestrado estruturado, preocupado com a qualidade institucional, que é formal, então concordo com você e concordo que a gente pode com a didática burlar as limitações do sistema, ou expandir.

Ana-Paula Correia: Expandir, a gente ainda precisa da nave-mãe (do ambiente virtual de aprendizagem), mesmo quando ela cria alguns problemas, a gente precisa de um sítio onde todos nos reunamos, um sítio institucional, apoiado pela universidade, que tenha a formalidade do curso, mas a gente pode expandir isso...

Edméa Santos: Na minha pesquisa no mestrado na Europa eu percebi que em 2013 e 2014 já havia bricolagem, ou seja, já havia conversa do ambiente virtual institucional com software de redes sociais...

Ana-Paula Correia: *Mashup*, eu chamo *mashup*. Este conceito existe no mundo da música e no mundo do cinema, é quando você usa coisas que já estão criadas e mistura de uma forma nova, é um remix, mas agora não é no mundo da música, é no nosso mundo. O mundo da educação.

Edméa Santos: E aí eu gosto quando você diz que você... uma regra que os alunos levem você na viagem, isso é fundamental, principalmente pela questão de a gente continuar com as mediações docentes, uma vez que um curso de mestrado pretende formar pesquisadores profissionais no campo, e isso é fundamental porque muitas vezes a gente observa que os professores desenham no ambiente virtual, e os alunos não gostam, sentem-se limitados muitas vezes e buscam a comunicação online entre eles em outros ambientes, só que para nós é complicado se a gente não estiver com eles, porque não tem como avaliar e acompanhar a aprendizagem e o desempenho, então quando você diz “eu quero que ele me levem”, isso é maravilhoso, porque você está preocupada com essa mediação. Por outro lado, quando eles não nos convidam, tudo bem também, até porque eles precisam desse espaço privado.

Ana-Paula Correia: Sim, eu concordo, mas o que eu incentivo a fazer é desenvolver o projeto; na atividade da aula eu me sinto confortável de fazer regras, mas se for uma atividade mais social, eles podem me envolver ou não, tudo bem, mas se é uma atividade didática, eu sou parte integrada dessa experiência.

Edméa Santos: Ótimo, Ana Paula, aí eu já vou para a próxima questão, que tem totalmente relação com o que estamos falando, que é: que tecnologias em rede, aí eu coloco as plataformas, que são os ambientes virtuais que você chama de “naves-mãe”, as interfaces de redes sociais que são os espaços que nossos alunos já habitam na cultura, os aplicativos para celular, supercontemporâneos, as webconferências... então eu pergunto: que tecnologias digitais, entre essas que eu citei, você usa?; se usa outras, quais são?; como são utilizadas para a instituição do mestrado em *learnig technologies* e como os professores do curso fazem as convergências de mídia em seus desenhos didáticos? Você poderia nos apresentar exemplos? E aí eu aproveito e já vou tomar nota da metáfora que você usou buscando no universo da música, usando essa mixagem, como vocês fazem esse remix e se é possível mostrar algum exemplo?

Ana-Paula Correia: Os meus alunos usaram o Slack, que é uma ferramenta muito simples em que a conversa aparece em várias linhas, permite compartilhar qualquer link da web, vídeo, diagramas, áudio, enquanto a conversa acontece, é mais simples que Facebook. Foram os alunos que me introduziram ao Slack, eu nunca o tinha usado, é uma ferramenta simples de usar e a conversa flui livremente. O Slack foi importante para os alunos documentarem o processo de design didático que fizeram na minha classe. Eu também criei blogs privado no Canvas só para as equipes trabalharem e documentarem o processo de design didático, mas os alunos não os utilizaram. Preferiram explorar outras ferramentas fora do ambiente virtual de aprendizagem da universidade. Ainda bem, pois assim aprenderam mais coisas...

Edméa Santos: Então você pratica a abertura também na cocriação do desenho didático com as interfaces que os alunos já conhecem pelas suas experiências formativas e culturais, a abertura de também aprender com eles e explorar as interfaces que eles trazem?

Ana-Paula Correia: Claro, para mim é uma oportunidade, eu nunca deixo passar uma oportunidade para aprender com os meus alunos. Eles também utilizaram

outras ferramentas para além do Slack como o Wordpress, e o blog do Google. Quando os alunos saem do espaço institucionalizado, Canvas, eu peço para eles usarem o meu gmail, que é mais fácil de entrar e sair... Blogger, Wordpress, Slack e... Eu faço visitas frequentes a estes sistemas alternativos que os meus alunos estão a usar. Normalmente eu faço uma visita à noite, eu vou lá e digo “ Olá! Como é que está? Boa noite!” “ Precisam de alguma coisa”, também ajuda a criar aquela relação de pertença e, de que eu estou atenta e de que o trabalho deles é importante para mim, eles ficam surpresos quando eu apareço assim quando eles estão a trabalhar, é uma coisa informal. Claro que eu também tenho pequenas lições que são gravadas e vídeo conferências marcadas mais formais em que eles podem vir e falar comigo. No entanto, os momentos de encontro informal eles valorizam e eu valorizo, eu gosto de deixar uma notinha, quando eu vou deixo uma notinha, para eles saberem que eu visitei o espaço, que eu gostei do trabalho, que tem uma questão sobre isso, uma questão sobre aquilo.

Edméa Santos: E por mais, Ana Paula, que a gente reconheça essa potência, nas relações interpessoais mediadas por interfaces digitais e tecnológicas para aprendizagem colaborativa, mais se justifica a valorização do nosso trabalho de qualidade na mediação desses processos todos quando o assunto é formação do pesquisador, formação em geral, formação, pós-graduação, porque você sabe que muitas vezes o trabalho online é desconhecido por grande parte do mundo acadêmico que não vive a docência online e, que muitas vezes, por uma questão de mercado, não valorizam a mediação do professor pesquisador, doutor bem pago e bem formado. Eu toco nessa questão porque na educação mais massificada, em larga escala, principalmente como vivemos no Brasil nos cursos de graduação, o professor doutor pesquisador muitas vezes fica na supervisão dos processos e a mediação direta com o aluno fica por conta de professores-tutores, que geralmente são pessoas qualificadas, mas não são pesquisadores com a mesma formação. Então você confirma que, aqui, na pós-graduação, todos os professores são pesquisadores e doutores nas áreas que pesquisam...Quantos alunos são no máximo?

Ana-Paula Correia: É o que eu ia dizer, eu acho que a gente consegue trabalhar assim porque a gente só admite 15 alunos por ano; nas duas disciplinas que eu dou neste mestrado, os alunos têm de fazer trabalho em grupo, em equipes distribuídas geograficamente...isso ficaria muito difícil de concretizar se a gente ensinasse um MOOC [massive open online course, curso online aberto e massivo].

Edméa Santos: Então, por ano, vocês admitem quinze alunos?

Ana-Paula Correia: Sim, isso é uma escala muito pequena, eu acho que nos podemos dar ao luxo de fazer essas coisas todas, mas é um luxo, um privilégio.

Edméa Santos: Esse é um exercício de pesquisa também do professor, que é o formador...Você não teria tempo de ser uma investigadora em processo de mediação docente, se tivesse uma turma enorme e com a perspectiva de educação online mais massificada?

Ana-Paula Correia: Eu sei que faço esse trabalho e que é um privilégio, mas eu penso que há espaço para tudo, há espaço para programas com milhares de alunos, os MOOCs, e há espaço para fazer aquele programa que eu chamo de programa boutique, é uma coisa única, especializada, com 100% de resultado, 100% de sucesso, formação de qualidade. Eu prefiro ter um pequeno programa, com um número pequeno de alunos do que ter uma fila com milhares de pessoas para entrar num programa que só admite 15 alunos por ano. No entanto, eu penso que no futuro temos que expandir o programa de uma forma sustentável e mantendo a qualidade que temos agora.

Edméa Santos: Você pensaria numa coisa intermediária? Meio-termo? Não exatamente turma de 15, porque aí a gente também não democratiza o acesso a pós-graduação, mas também não ter uma pós-graduação massificada? Já que você falou dos MOOCs, Ana Paula, rapidamente, o que você acha desse tipo de prática? E se nos EUA há MOOCs para formar pesquisadores em nível de mestrado? Eu achei que os MOOCs, pelo que entendi, é uma metodologia muito mais para formação profissional continuada...

Ana-Paula Correia: A gente não usa MOOC para mestrado, mas eu usei só como exemplo daquilo que eu não quero praticar, eu acho que os MOOCs têm espaço, mas a pós-graduação não é o espaço deles. O MOOC é importante, democratiza, abre possibilidades para uma pessoa que está em outro país, num pequeno país em África ou nas montanhas em Portugal, abre a possibilidade de se aprender uma coisa que sempre se quis aprender, a possibilidade de aprender. Aprender e ensinar é um processo difícil, se o MOOC não for desenhado com cuidado, não vai ter impacto nenhum, o único impacto que vai ter, e algumas universidades nos Estados Unidos fazem isso, eles lançam o MOOC para promover a universidade, exemplo: “a universidade X está lançando um MOOC porque está querendo dizer... olhem pra nós...”, é uma atividade relações públicas. Eu acho que o MOOC pode ser usado com o propósito de fazer o marketing da universidade, mas não no ambiente de formação de pesquisadores, um ambiente formal e sério, não um ambiente em que as pessoas entram e saem e ninguém completa nada. Até se ser capaz de desenhar uma experiência de aprendizagem excelente para milhares de pessoas e não ter só uma dezena a completar, eu acho os MOOCs para a pós-graduação têm que ser cuidadosamente considerados. Mas é como tudo, tem prós e contras, mas, para essa situação que estamos falando, eu não acho que seja possível porque a qualidade ia sofrer muito, ou então os custos para manter a qualidade iam ser insuportáveis.

Edméa Santos: OK, Ana Paula, obrigada, esse tópico gerou bastante conversa e eu fico muito motivada e feliz de saber que aqui no mestrado em Learning Technologies há um desenho didático aberto e cocriado no processo, e a gente sabe que isso não inviabiliza o planejamento prévio, mas sabemos que esse planejamento já prevê a cocriação dos alunos, afinal eles são formados para serem pesquisadores.

Ana-Paula Correia: Sim, e os alunos vêm com muito conhecimento, os alunos de mestrado são profissionais nas áreas deles já, trabalham o tempo inteiro, têm muito intercâmbio didático na classe, eu uso sempre o conhecimento e

experiência que eles têm, mesmo que não sejam professores, mas foram aprendendo com suas próprias experiências. Os alunos são excelentes, têm histórias para contar e se eu não aproveitar isso não estarei a usar os recursos que tenho à mão nem usar oportunidades de criar parcerias com os meus alunos.

Edméa Santos: O curso online do mestrado em Learning Technologies é organizado em disciplinas obrigatórias; no Brasil nós chamamos de disciplinas de fundamentos, e essas disciplinas passam pelas teorias e práticas da tecnologia educacional, que é a grande área, as teorias de aprendizagem com tecnologia, a introdução ao design institucional, aplicação desse design institucional, a própria teoria do design multimídia e a teoria da aprendizagem colaborativa suportada por computador, sobre a qual já falamos bastante, e também da evolução da formação, do aprendizado com tecnologias... essas são as disciplinas de fundamentos, certo? Há também as disciplinas eletivas, que eu não vou listar todas agora, mas tem aqui no link as que eu entendo como eletivas. E aí me corrija se o contexto aqui for outro, como a área da inovação, da criação, disciplinas que podem ser mudadas, trocadas, e selecionadas pelos alunos a partir de seus interesses pessoais e profissionais... mas eu vi que a atividade final do mestrado parte exatamente da pesquisa-ação, o que para nós no Brasil, no meu grupo de pesquisa, valorizamos muito. Essa pesquisa que não separa o ato investigativo da vida prática, a gente até usa o método da pesquisa formação na cibercultura, mas eu percebi que esse último momento, ele é fundamentado pela pesquisa em ato, a pesquisa-ação, e pela prática de tudo o que foi construído ao longo do curso, ao longo das disciplinas obrigatórias nessas áreas que listei. E que o aluno tem como trabalho de conclusão do curso o portfólio. Então, Ana Paula, fale-nos um pouco mais sobre o objetivo do portfólio como trabalho de conclusão do curso e sua relação com a pesquisa-ação...

Ana-Paula Correia: O portfólio, não só o portfólio por si, mas a prática, o estágio que eles fazem, é uma das partes que considero mais importante desse mestrado, eu sei que é importante a teoria e aprender as tendências no campo,

como as tecnologias, a inovação, mas nesse momento eu percebo que o mestrado é bem diferente do doutoramento, mestrado é para o aluno avançar na sua carreira, mudar de carreira. A motivação para fazer um mestrado é basicamente para ter um emprego melhor e melhorar de vida. Quando a gente desenha ou faz modificações no currículo, eu tenho sempre uma pergunta na minha cabeça, “ Neste momento os empregadores dos Estados Unidos não se importam tanto com quem te deu o diploma e que notas tens no diploma, mas eles querem mais do que isso, eles querem saber o que é que tu consegues fazer com as coisas que aprendeste no curso. O que é que tu consegues fazer na prática já que tiraste notas tão altas? O que consegues fazer com o mestrado que completaste? Então é bom ter o portfólio na mão quando se vai à procura de um emprego melhor. Não é só pensar que pode se arranjar um emprego, mas um emprego altamente remunerado e numa companhia consolidada, ou numa organização com prestígio. Por isso, no programa, a gente tem essa mentalidade para que os alunos desenvolvam um projeto substancial do princípio ao fim, documentem esse projeto, para incluir no portfólio. Eles depois podem usar, expandir o portfólio e levar a um potencial empregador. No nosso programa, desenvolver este portfólio é muito importante para os alunos avançarem na carreira ou mudarem para uma carreira melhor, mais bem paga e com mais regalias. Às vezes o dinheiro não é o mais importante, mas a sua realização profissional. O campo das Learning Technologies permite expressar criatividade, usar a criatividade para educar pessoas e ajudá-las a aprender melhor ...

Edméa Santos: Você não se perdeu não, você mostrou como conectar toda essa experiência no curso com a preparação para um possível mundo do trabalho, com a prática de pesquisar na ação... Ana Paula, muito obrigada e a nossa conversa só começou.

Ana-Paula Correia: Obrigada pela oportunidade da conversa. Espero ter mais conversas no futuro...